

**OS (RE)ENCONTROS HISTÉRICOS:
CONSIDERAÇÕES ACERCA DA RELAÇÃO DE OBJETO EM FREUD
E LACAN**

*Orlando Soeiro Crüxen**
*Lia Maria Frota Amora Silva Bitar***

RESUMO:

O presente trabalho se propõe a analisar a escolha objetal ocorrida na histeria, levando em consideração suas especificidades, tendo como aparato teórico as teorias de Freud e Lacan sobre a relação de objeto.

PALAVRAS-CHAVE: Histeria. Relação de objeto. Freud. Lacan.

*Doutor pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), U.P.XIII, França, Pós-Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor da Universidade Federal do Ceará – E-mail: ocruxen@uol.com.br

** Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza e aluna do mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará – E-mail: liamariasilva@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

A histeria é um objeto de estudo de extrema importância na clínica psicanalítica, uma vez que Freud funda o método da associação livre – ponto central da teoria freudiana – no atendimento clínico de histéricas. Esse movimento freudiano em direção à livre associação de idéias, bem como de uma posição menos dirigente do analista, provocam uma ruptura e a conseqüente estruturação da teoria psicanalítica tal como a conhecemos hoje.

Devido à importância desse momento na teoria psicanalítica, uma vez que se encontra na clínica da histeria o momento de nascimento de importantes questões que acabam por nortear a clínica freudiana, diversos autores vêm dirigindo seus olhares para essa temática e para toda a riqueza e singularidade aí presentes.

Nos pacientes históricos encontramos um recalçamento rigoroso, bem como uma exigência sexual desmedida. É negada à pulsão sexual – que exige sua satisfação – a descarga através de uma atividade psíquica que seja passível de se tornar consciente. Faz-se assim necessário que surjam outras maneiras de realizar as exigências pulsionais, sendo os sintomas históricos responsáveis por atualizar as exigências dos elementos que foram recalçados, funcionando assim como substitutos.

O sintoma, ao mesmo tempo em que cristaliza o sentido das coisas e provocam assim um empobrecimento da estrutura do Eu, é também um modo encontrado pelo sujeito de resolver um conflito, sendo compreendido por Lacan como uma maneira que o sujeito encontra para estabelecer laço social com o outro. Os sintomas históricos funcionam, portanto, como substitutos de uma série de elementos aos quais foi negado, por meio do recalçamento, o acesso à consciência.

Acerca da questão do objeto Freud afirma que o modo de encontrar o objeto diz de uma tentativa de reencontro com o objeto que foi, inicialmente, o ponto de ligação das satisfações da criança.

Em concordância com a idéia de encontrar o objeto é sempre reencontra-lo, Jorge nos diz:

O objeto perdido na história de cada sujeito, objeto *a*, pode ser re-encontrado nos sucessivos substitutos que o sujeito organiza para si em seus deslocamentos simbólicos e investimentos libidinais imaginários. Mas esses re-encontros, por trás dos objetos privilegiados de seu desejo, o sujeito irá sempre se deparar de forma inarredável com a Coisa perdida da espécie humana; o que significa que se trata sempre, nos encontros com o objeto, da repetição de um *encontro faltoso com o real* [...]. (2005, p. 142).

Lacan (1995, p. 25), por sua vez, ressalta que: “O objeto se apresenta, inicialmente, em uma busca do objeto perdido. O objeto é sempre o objeto redescoberto, o objeto tomado ele próprio numa busca, que se opõe da maneira mais categórica à noção do sujeito autônomo, onde desemboca a idéia do objeto acabado.”

Levando em consideração que um dos traços estruturais da histeria se relaciona com a questão paradoxal de seu desejo, acreditamos ser importante pesquisar o modo como ocorre a relação entre o desejo histórico e a questão do objeto. Pretendemos, portanto, abordar no presente trabalho, o modo como se dá a escolha de objeto, uma vez que a histérica visa à insatisfação de seu desejo.

INTRODUÇÃO

Durante o atendimento de pacientes histéricas, Freud funda a “regra de ouro” psicanálise, sendo esta a associação livre. Esse novo modo de se conceber a clínica proposto por ele pressupõe que o paciente deve dizer ao analista não somente o que pode dizer de boa vontade ou intencionalmente, mas tudo o que lhe vier à cabeça. É essa fala da qual nos diz Freud, que pode ser desagradável e que não precisa vir em uma formulação linear, mas que deve ser a expressão do que quer que nos venha à mente, a idéia balizadora da teoria psicanalítica.

Freud, em seu artigo intitulado “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, define os sintomas histéricos com sendo:

[...] um substituto – uma transcrição, por assim dizer – de uma série de processos, desejos e aspirações investidos de afeto, aos quais, mediante um processo psíquico especial (o recalçamento), nega-se a descarga através de uma atividade psíquica passível de consciência” (1905, p. 155).

Ele acredita que essas formações que não foram expressas de modo satisfatório, trabalham nesse sentido, buscando assim uma descarga, um modo de compensação. Nos casos de histeria, essa descarga almejada pelas formações censuradas durante o processo de recalçamento, é alcançada por meio das conversões, que atualizam, por assim dizer, de modo disfarçado, as exigências e aspirações dos elementos recalçados e que clamam por um meio de expressão (Freud, 1905, p. 155).

Esse processo de recalçamento é especialmente severo nos pacientes histéricos, levando Freud (1905) a afirmar que é possível de percebermos, nesses casos, um grau de

recalcamento sexual exacerbado, bem como um aumento de intensidade da resistência relativa à pulsão sexual e uma tentativa de evitar se ocupar com questões relativas ao sexo ou à vida sexual (p. 156).

No entanto, apesar desses aspectos particulares acerca da vida sexual dos pacientes histéricos, há aí uma grande contradição quando analisamos mais de perto essas questões. Isso ocorre devido ao fato que é possível perceber na análise desses casos, uma exigência sexual desmedida em contraste com uma enorme recusa à esfera sexual. A presença dessa oposição no núcleo da sintomatologia histérica, é o que Freud denomina como sendo “a enigmática contradição da histeria” (1905, p. 156).

Quando as exigências pulsionais do sujeito se intensificam e exigem atenção, mas são barradas pelo processo de recalcamento que evita o sexual, é necessária a formulação de outras possibilidades de expressão da pulsão. Não é mais possível ignorar esse aspecto da vida sujeito, de modo que a solução encontrada é a via da doença, que com seus sintomas consegue conciliar as duas forças opostas que se encontram em jogo. (Freud, 1905, p.156)

Segundo Freud (1905), as exigências do sexo vêm à tona quando há a maturação progressiva do sujeito, ou ainda quando devido a circunstâncias externas de sua vida. Ele associa o período da puberdade a dois movimentos importantes, sendo estes a subordinação de todas as fontes de excitação sexual ao primado das zonas genitais e o processo de encontro do objeto.

Sobre a escolha objetal, Freud afirma que:

[...] a escolha objetal é guiada pelos indícios infantis, renovados na puberdade, da inclinação sexual da criança pelos pais e por outras pessoas que cuidam dela, e que, desviada dessas pessoas pela barreira do incesto erigida nesse meio-termo, orienta-se para outras que se assemelham a elas. (1905, p. 221)

Ele afirma ainda, em seu artigo intitulado “Sexualidade feminina”, que apesar das condições da escolha de um objeto serem inicialmente as mesmas para ambos os sexos, cabe à menina, ao final de seu desenvolvimento, realizar uma troca no que concerne ao seu objeto amoroso, que passa a ser representado por seu pai, um homem. Desse modo, “à mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto” (Freud, 1931, p. 237).

O objeto, denominado por Lacan de objeto *a*, funciona como motor da estrutura e causa do desejo e é essencialmente um lugar vazio, porém ocupável por qualquer objeto. Segundo Jorge (2005, p. 139), o objeto *a* é “essencialmente faltoso, ou, nos dizeres de Freud, para quem o encontro do objeto é sempre um reencontro, é um objeto perdido que o sujeito busca *reencontrar*” (grifo do autor).

Lacan (1996) propõe um retorno à obra de Freud, pois acreditava que os pós-freudianos estavam se distanciando das idéias contidas nela. Desde o início de sua obra é possível perceber os primórdios da concepção do objeto *a*. Ela se inicia com suas formulações sobre o estágio do espelho e atravessa todo seu trabalho. No entanto, é apenas em 1960 que o objeto *a* é conceituado como tal.

Para Lacan (1995), a castração é o elemento central da relação de objeto. A intenção agressiva presente na castração é que cria possibilidades para que o eu se afaste do campo narcísico pelo advento da subjetividade. Ele acredita ainda que a castração, a frustração e a privação são categorias da falta do objeto.

A castração pode ser entendida, à luz da teoria lacaniana, como uma ameaça cuja conseqüência é um corte que separa tanto o vínculo imaginário como o narcísico, que se estabelece na relação entre a mãe e a criança, “instalando, assim, a falta do objeto entre os dois elementos ideais da relação de objeto” (Klautau, 2002, p. 76). O falo, por sua vez, deve ser entendido como o terceiro nessa relação.

O objeto *a*, situado na interseção dos conjuntos, se remete à área que surge a partir do recobrimento de duas faltas, uma vez que a falta do sujeito é recoberta por falta relativa ao lado do Outro. O objeto *a* age no processo de separação de forma a conceituá-lo como causa do desejo. Desse modo, a separação marca o surgimento do sujeito em sua dimensão desejante. Ao representar o desejo do Outro materno insatisfeito, o objeto *a* possibilita e propicia a separação (Lacan, 1985).

Desse modo, para que a criança possa se separar é necessário que ela fracasse em sua tentativa de ser o único objeto de desejo do Outro. A saída viável se dá pela via do desejo, de forma que é a separação que concede ao objeto *a* o estatuto de causador do desejo.

Esse processo implica em uma mudança na posição que o analista ocupa durante a análise. Sendo assim, ele deixa de ser um objeto desejado e passa a assumir a função de objeto *a*, se colocando na posição do objeto que causa o desejo no sujeito. Diante disso, o analista se coloca enquanto um ponto cego no espelho.

A relação que a histórica estabelece com o seu desejo merece maiores considerações, tendo em perspectiva que seu objeto de desejo visa à insatisfação, sendo por essa via, satisfeito.

A histórica se deixa apreender pelo que percebe como sendo o desejo do Outro. Na incerteza constante de saber se é homem ou mulher, o sujeito histórico é bastante plástico o que acarreta uma estranheza acerca da sua identidade de ser, em particular, de ser sexuado (Nasio, 1991).

Esses questionamentos sobre o seu ser levam os sujeitos históricos a colocarem seus corpos a serviço e disponibilidade do Outro, visando assim prender o desejo e exterminar a própria alteridade.

Em detrimento do desejo, a histórica adota a postura de ter que agradar, É nessa tentativa que ela visa se defender do trauma do buraco que existe, irremediavelmente, entre sujeito e Outro.

METODOLOGIA

Cancina (2008), em seu livro intitulado *La investigación em psicoanálisis*, propõe um enodamento borromeano entre Teoria, Prática e Clínica. Esse enodamento, que faz um paralelo com o formulado por Lacan acerca do Real, Simbólico e Imaginário, pressupõe que os laços existentes entre os três elos se constituem de tal modo que, se uma dessas ligações se desfaz se soltam todas.

A justificção dessa proposta feita por ela se dá ao pensar que a psicanálise é uma práxis, que ocorre entre o analista e o analisante, e que essa “prática que se produz na intimidade do ato onde se exercita este método que Freud considerava que investigava ao mesmo tempo em que curava” (Cancina, 2008, p. 54). Desse modo, a autora afirma que é a partir dessa prática que vai se produzir a teoria e a clínica psicanalítica.

Cancina retoma o que foi formulado por Lacan acerca da importância de que o psicanalista se coloque de dois modos, sendo estes: aquele que produz efeitos, e o que teoriza sobre os efeitos produzidos. Desse modo, é essencial que o analista teorize acerca dos efeitos que produz para que possa produzi-los. Esta idéia corrobora com a formulação do nó borromeano proposto por Cancina, pois demonstra a importância do elo existente entre teoria, prática e clínica.

Para a autora a prática é algo impossível de ser acessada, uma vez que se relaciona com a vivência de uma experiência, pertencendo ao campo do Real. Já a clínica, que

diz de uma teorização dos efeitos da prática e é uma vivência que produz um saber do analista e do analisante, é possível de ser acessada e se relaciona com a instância do Simbólico. No que concerne à teoria, Cancina a situa no campo do Imaginário e a relaciona com uma tentativa de dar conta dos furos do saber.

O analista busca, portanto, formalizar o mínimo transmissível da experiência singular de modo que consiga dar testemunho a outras pessoas de suas descobertas e avanços. Sendo assim, é a partir da teorização sobre o que vem encontrando e percebendo em sua clínica, que o analista procura transmitir à comunidade da qual faz parte, provas do percurso que vem desenvolvendo na experiência singular que ocorre durante sua prática. No entanto, teorizar algo implica em sua redução, de modo que toda formalização é parcial, possui um furo.

Segundo Cancina (2008), ao se trabalhar com uma proposta psicanalítica, é importante que a busca não apareça como algo primário, mas sim como algo que surge frente ao que foi encontrado. Isso diz respeito a um pressuposto que se encontra nas bases da teoria psicanalítica e que tem relação com o que foi formulado por Freud sobre a associação livre, pois ao mesmo tempo em que se solicita do paciente que ele não selecione o material de sua fala, é importante também que o analista não faça uma seleção, que se abstenha de buscar.

Estabelece-se aí um paralelo com o que foi proposto por Freud ao pensar no papel do analista, que deveria ter uma atenção flutuante, de modo a não querer atender a nada em particular, buscando assim ter o mesmo cuidado a todo o material que surgisse.

Sendo assim, é importante que a investigação e a busca por respostas surjam a partir de lacunas percebidas pelos analistas às questões que se apresentam em sua prática clínica ou em suas leituras. É a partir de uma ausência que se torna possível encontrar algo.

A formalização é uma tentativa, essencialmente falha, de traduzir o real que se apresenta enquanto impossível de ser acessado. Desse modo, o projeto de pesquisa se

constitui enquanto um ensaio que visa à transmissão e o compartilhamento, com a comunidade científica, de questões que foram encontradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCINA, Pura. *La investigacion en psicoanálisis*. Homo Sapiens, 2008.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. vol. III.

_____. (1931) *Sexualidade feminina*. vol. XXI.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v. I: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

KLAUTAU, Perla. *Encontros e desencontros entre Winnicott e Lacan*. São Paulo: Escuta, 2002.

LACAN, Jacques. (1953-54) *O seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

_____. (1956-57) *O seminário. Livro 4: A relação de objeto..* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. (1964) *O seminário. Livro 11: Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

THE HYSTERICAL (RE)ENCOUNTERS: CONSIDERATIONS ABOUT THE RELATION OF OBJECT IN FREUD AND LACAN

ABSTRACT:

This paper aims to analyze the choice of object occurring in hysteria, considering its specificities, supported by the theories of Freud and Lacan on the relation of object.

KEYWORDS: Hysteria. Object. Freud. Lacan.

**LES RENDEZ-VOUS HYSTÉRIQUES : CONSIDÉRATIONS SUR LA RELATION
D'OBJET CHEZ FREUD ET LACAN**

RÉSUMÉ:

Cet article propose d'analyser la relation d'objet dans l'hystérie, tout en considérant ses spécificités. Il est fondé dans les théories de Freud et Lacan sur le sujet.

MOTS-CLÉS: Hystérie. Relation d'objet. Freud. Lacan.

Recebido em 19/02/2010

Aprovado em 04/05/2010

© 2010 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura/CNPq – UFJF.
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista